

FILOSOFANDO COM CRIANÇAS: PROBLEMATIZANDO A ESCOLA INSTITUÍDA A PARTIR DAS NARRATIVAS INFANTIS¹*PHILOSOPHIZING WITH CHILDREN: PROBLEMATIZING THE ESTABLISHED SCHOOL BASED ON CHILDREN'S NARRATIVES**FILOSOFAR CON LOS NIÑOS: PROBLEMATIZANDO LA ESCUELA ESTABLECIDA A PARTIR DE NARRATIVAS INFANTILES*Thalia Lopes da Silva².Isabel Gomes Ayres³.Paula Corrêa Henning⁴.**RESUMO**

O artigo tem como objetivo analisar, a partir das narrativas infantis, algumas fissuras nas verdades legitimadas a respeito da escola e algumas possibilidades de criação em encontros filosóficos com crianças do 2º ano do ensino fundamental. Como ferramenta teórico-metodológica, o estudo aciona a problematização a partir do pensamento de Foucault e a investigação narrativa a partir das pesquisas de Clandinin e Connelly. Defende-se que, a partir de movimentos filosóficos e de problematização talvez possamos criar espaços outros e pensamentos outros para nossas vidas dentro e fora da escola.

Palavras-chave: Escola. Filosofia. Foucault. Narrativas.**ABSTRACT**

The article aims to analyze, based on children's narratives, some cracks in the legitimized truths about school and some possibilities for creation in philosophical encounters with children in the 2nd year of elementary school. As a theoretical-methodological tool, the study triggers problematization based on Foucault's thinking and narrative investigation based on the research of Clandinin and Connelly. It is argued that, through philosophical movements and problematization, we may be able to create different spaces and different thoughts for our lives inside and outside of school.

Keywords: School. Philosophy. Foucault. Narratives.**RESUMEN**

El artículo tiene como objetivo analizar, a partir de narrativas infantiles, algunas fisuras en las verdades legitimadas acerca de la escuela y algunas posibilidades de creación en encuentros filosóficos con niños del 2º año de la escuela primaria. Como herramienta teórico-metodológica, el estudio desencadena una problematización a partir del pensamiento de Foucault y una investigación narrativa a partir de las investigaciones de Clandinin y Connelly. Se sostiene que, a través de movimientos filosóficos y de problematización, podemos ser capaces de crear diferentes espacios y diferentes pensamientos para nuestra vida dentro y fuera de la escuela.

Palabras clave: Escuela. Filosofía. Foucault. Narrativas.Submetido para publicação: **27/08/2024**Aceito para publicação: **04/02/2025**

¹ Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio fornecido ao longo deste trabalho.

² Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil – <https://orcid.org/0009-0005-4248-9830> – thaliapopes1998@gmail.com.

³ Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – IFSul – Camaquã – Rio Grande do Sul – Brasil – <https://orcid.org/0000-0002-2676-3618> – isabelayres82@gmail.com.

⁴ Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil – <https://orcid.org/0000-0003-3697-9030> – paula.c.henning@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Essas formas prévias de continuidade, todas essas sínteses que não problematizamos e que deixamos valer de pleno direito, é preciso, pois, mantê-las em suspenso. Não se trata, é claro, de recusá-las definitivamente, mas sacudir a quietude com a qual as aceitamos; mostrar que elas não se justificam por si mesmas, que são sempre o efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas e cujas justificativas devem ser controladas; definir em que condições e em vista de que análises, algumas são legítimas; indicar as que, de qualquer forma, não podem mais ser admitidas (Foucault, 2008, p.28).

Foucault, foi um filósofo do século XX, que nos movimenta a pensar sobre as verdades, as subjetividades, o mundo à nossa volta, sobre quem somos. Aprendemos com o autor, e tantos outros estudiosos do campo da filosofia da diferença, que com a filosofia podemos exercitar o pensamento para colocar sob suspeita as metanarrativas que constituem modos de ser sujeito no mundo em que vivemos. Sendo assim, usar a filosofia como uma ferramenta, dentro da perspectiva foucaultiana, não é buscar uma outra verdade para explicar o mundo, mas sim, desconfiar, desacomodar e problematizar (Foucault, 2006b).

Neste artigo convidamos os/as leitores/as a pensarmos juntos/as quais as potências da filosofia para nossa vida, entendendo-a como uma maneira de compreender aquilo que somos e construir outras formas de viver neste tempo. Assumimos a filosofia com crianças (Kohan, 2015) dentro da instituição escolar como um dos caminhos para que o pensamento filosófico ganhe força em nossa sociedade. Defendemos o preceito de que, através dela, podemos mobilizar o pensamento para refletir acerca da sociedade e da nossa relação com o mundo que nos cerca. Percebemos aí possibilidades de invenção de formas outras de pensar, de viver e conviver com nós mesmo e com os outros.

Imbuídas desses contornos teóricos, deixamos evidente que a escrita deste texto tem como objetivo entender de que forma é possível promover espaços de rupturas, mesmo que pequenos, que propiciem a filosofia e a problematização dentro do cotidiano escolar. Para isso, realizamos o que denominamos de encontros filosóficos, com uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola localizada em uma zona periférica da cidade do Rio Grande – RS. Nesses encontros buscou-se levar a filosofia como uma possibilidade de respiro, como uma das possibilidades para exercitar o pensamento dentro da instituição escolar, discutindo sobre diferentes temáticas envoltas à vida. Aqui apresentamos como *corpus* analítico alguns excertos de dois dos encontros em que conversamos e problematizamos o conceito de filosofia e a ideia de escola junto das crianças, e através de alguns “disparadores de pensamento” buscamos proporcionar espaços de invenção no pensamento infantil e também uma escuta atenta para as

narrativas dos sujeitos-infantis. Entendemos os disparadores como elementos que cutuquem nosso pensamento, criando potência de problematização junto aos infantis; tais disparadores podem ser literatura, imagens, fotografias, pinturas, etc. Trataremos a seguir dos contornos teóricos e metodológicos que nos potencializaram para realizar os encontros e problematizar as narrativas daí produzidas. É junto a esse exercício de criação e invenção de outros possíveis no espaço escolar que nos fala esse texto. Convidamos o/a leitor/a a caminhar conosco nas sendas deste estudo.

PROBLEMATIZANDO AS NARRATIVAS INFANTIS: POSSIBILIDADES DE CRIAÇÃO DENTRO DA ESCOLA

Este estudo é fruto de um trabalho investigativo⁵ que tem como propósito primeiro mobilizar modos outros de pensar a escola e a ciência a partir da escuta atenta de narrativas infantis. A referida investigação vem sendo desenvolvida junto ao Grupo de Estudos Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia vinculado a Universidade Federal do Rio Grande e assume a filosofia da diferença⁶ como registro teórico. No recorte aqui apresentado, nos debruçamos sobre narrativas orais e imagéticas (desenhos) produzidas por um grupo de 10 crianças com idade entre 7 e 8 anos, cursistas do 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública localizada em uma zona periférica no município de Rio Grande/RS. A escola atende crianças da Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental. A turma da pesquisa é composta por 14 crianças, contudo, há baixa frequência dos alunos às aulas, principalmente em dias chuvosos ou de frio intenso. A escolha da escola se deu devido a sua proximidade e acolhimento com o grupo de pesquisa. Ademais, a turma foi escolhida com o objetivo de problematizar a escola com crianças que estão iniciando o seu processo de escolarização. Essas narrativas foram produzidas no primeiro semestre de 2024, durante intervenções, aqui denominadas encontros filosóficos, empreendidas pelas pesquisadoras junto aos sujeitos infantis da pesquisa na referida escola. Na produção e análise das narrativas, acionamos como ferramentas teórico-metodológicas a problematização a partir dos estudos de Foucault (2006b) e a investigação narrativa a partir das pesquisas de Clandinin e Connely (1995).

⁵ A referida pesquisa conta com aprovação do Comitê de Ética (da Universidade Federal do Rio Grande - FURG conforme parecer CAAE 75271923.0.0000.5324.

⁶ Perspectiva filosófica que resultou, inicialmente, dos desdobramentos feitos por filósofos pós-estruturalistas como Deleuze, Guattari e Foucault sobre a obra de Nietzsche. As filosofias da diferença criticam os valores supostamente universais do Iluminismo (Peters, 2000, p. 42) e privilegiam a multiplicidade em detrimento da identidade (Deleuze, 1992, p. 238).

Mais do que um conjunto de regras e procedimentos a ser seguido em uma pesquisa, a problematização é “[...] uma maneira de proceder diante do objeto de pesquisa a fim de promover um real trabalho do pensamento” (Vinci, 2015, p. 201). Portanto, nossa intenção foi de suscitar um olhar interrogativo sobre as verdades que nos constituem e como vimos nos colocando e nos deslocando no mundo.

Menções à problematização aparecem pulverizadas em vários escritos de Foucault, sobretudo nas obras concebidas pelo filósofo na década de 1980. Contudo, por mais que vasculhemos tais escritos, não encontraremos uma definição única e de pronto esclarecedora para o termo. O texto que talvez melhor nos direcione a um entendimento do que a problematização se constitui para Foucault (2006b) seja entrevista intitulada “Polêmica, política e problematizações” concedida pelo filósofo a Rabinow.

Na referida entrevista, Foucault (2006b, p. 225) diz afastar-se da polêmica, uma vez que tais discussões lhe parecem inócuas. A polêmica impede o compartilhamento de ideias distintas, uma vez que nela o interlocutor não é visto como um parceiro, mas como um adversário. O polemista não reconhece o outro como sujeito com direito à palavra; ao contrário, usa de seus privilégios para anular o interlocutor, impedindo que se estabeleça um diálogo (Foucault, 2006b, p. 226). Inócua, mas não sem efeitos, a polêmica esteriliza na medida que impossibilita que algo seja criado a partir de um debate.

O filósofo francês esquiva-se da polêmica tanto quanto das discussões pautadas em ideologias. Por se opor a algo que supostamente seria a verdade, a ideologia torna-se inútil. Para além da veracidade de um discurso, na perspectiva foucaultiana, o que interessa é compreender as produções dos efeitos de sentido que se fabricam em torno da verdade. Assim, Foucault refuta a noção de verdade como algo essencial, único e estanque, pois a entende como um

[...] conjunto de procedimentos que permitem pronunciar, a cada instante e a cada um, enunciados que serão considerados verdadeiros. Não há, absolutamente uma instância suprema. Há regiões onde esses efeitos de verdade são perfeitamente codificados, onde o procedimento pelos quais se pode chegar a enunciar as verdades são conhecidos previamente, regulados (2006a, p. 233).

Escapar das dicotomias verdadeiro-falso, bom-mau, inteligível-sensível e de tantas outras herdadas do platonismo, é o convite que a filosofia da diferença nos faz. Uma filosofia-teatro na qual já não faz qualquer sentido se perguntar sobre a veracidade do que é encenado, senão sobre os efeitos que cada cena pode provocar nos espectadores, mas também nos atores.

Um teatro no qual “[...] a filosofia da representação, do original, da primeira vez, da semelhança, da imitação, da fidelidade, se dissipa” (Foucault, 2005, p.235).

Nos encontros filosóficos, através da problematização de algumas verdades que percorrem o espaço escolar, buscamos movimentar o pensamento, deixar as crianças incomodadas, inquietas e provocadas a pensar diferentemente de como estavam/foram acostumadas/ensinadas a pensar. Ressaltamos aos sujeitos infantis que nesses encontros não havia certo ou errado, que eles poderiam se expressar e perguntar livremente, não havia nenhuma avaliação sendo feita em nossas conversas. Conversas! É exatamente nisso que se pautaram os encontros. Embora tenhamos feito um planejamento, levado materiais que serviram de disparadores do pensamento para o exercício da conversa, pensamos que os espaços de respiro podem surgir em momentos tranquilos, de uma conversa livre, sem um plano fixo e um resultado a ser alcançado. Desta forma, escolhemos como disparadores do pensamento – artefatos culturais que podem servir de ferramenta para mobilizar conversas, discussões e formas de pensar – dois livros de literatura infantil: *A fada que tinha ideias* (Almeida, 2007) e *O monstro das cores vai à escola* (Llenas, 2021).

Assim como a problematização, a investigação narrativa também foi acionada como estratégia metodológica, pois o material empírico que analisamos aqui é resultado das narrativas das crianças que participaram dos encontros filosóficos.

No Brasil, vêm ocorrendo um alargamento dos estudos acerca de metodologias qualitativas aplicadas à pesquisa bem como um aumento no número de trabalhos que acionam a investigação narrativa, visto que nela se hierarquizam saberes. Como aponta Ribeiro e Ávila (2013, p. 71), “os estudos, que começam a relacionar a investigação narrativa à educação, têm correspondência em meados do século XIX, nas ciências sociais, a partir de métodos como História de Vida, Biografia, Estudo de Caso, etc”. Entendemos que tal metodologia se coaduna com nosso objetivo, pois buscamos inquietar os sujeitos da pesquisa sobre as verdades estabelecidas, e assim, talvez, através de suas falas, podemos visibilizar algumas das problematizações que tocaram as mentes infantis.

Entre as várias estratégias metodológicas de cunho qualitativo que vêm sendo adotadas pelos/pelas pesquisadores/as nas ciências sociais e na educação, algumas estão assentadas na indissociabilidade entre a teoria e a prática. Uma dessas metodologias refere-se à investigação narrativa que, ao valorizar as percepções de mundo socialmente construídas pelos sujeitos, faz com que teoria e prática se articulem na pesquisa (Rabelo, 2011, p. 172). Dessa forma, nessa perspectiva teórica e metodológica, entende-se que a vida se constitui a partir de fragmentos

narrativos proferidos em um contexto histórico, possibilitando que o mundo seja investigado a partir das narrativas que os sujeitos constroem sobre suas experiências (Clandinin; Connelly, 2011, p. 48). As experiências vividas são o ponto-chave da investigação narrativa, pois como afirma Clandinin e Connelly (1995, p. 43): “A narrativa e a vida vão juntas e, portanto, o atrativo principal da narrativa como método é sua capacidade de reproduzir as experiências da vida, tanto pessoais como sociais, de formas relevantes e cheias de sentido” [tradução nossa].

Clandinin e Connelly (1995, p. 11) argumentam que a investigação narrativa se adequa às pesquisas educacionais, uma vez que “[...] somos organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente vivem vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma como os seres humanos experienciam o mundo” [tradução nossa]. Larrosa corrobora com esses autores quando afirma que

O que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos. Em particular, das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal. Por outro lado, essas histórias estão construídas em relação às histórias que escutamos, que lemos e que, de alguma maneira, nos dizem respeito na medida em que estamos compelidos a produzir nossa história em relação a elas (1994, p. 49).

Ribeiro e Ávila (2013, p. 72) entendem a narrativa como uma prática social que constitui os sujeitos. Enquanto contamos e ouvimos histórias vamos dando sentido tanto as nossas quanto às experiências vividas por outros. Além disso, o fato contado diz respeito não apenas ao que nos aconteceu em um outro momento, mas também reflete nossas experiências presentes. De acordo com as autoras, em uma investigação narrativa, os/as pesquisadores/as podem se valer de diferentes estratégias para a produção dos dados que constituirão o *corpus* de análise. Entre essas estratégias, estão as entrevistas, as notas de diários, as escritas autobiográficas e biográficas, o ato de contar histórias, a escrita de cartas, as fotografias e as histórias de vida (Ribeiro; Ávila, 2013, p. 77). Como mencionado anteriormente, o material analisado neste estudo é constituído de narrativas orais e imagéticas (desenhos) produzidas durante encontros filosóficos promovidos pelas pesquisadoras com um grupo de crianças em uma escola pública.

Outro aspecto importante a ser considerado em um estudo narrativo é a não neutralidade no pesquisador. Quando insere questões investigatórias numa entrevista e/ou conversação, quando interpreta os textos de campo, quando estabelece relações entre o que lhe é relatado e o aporte teórico da pesquisa, a voz do pesquisador passa a compor a narrativa. Na medida em que

imbrica tanto as experiências vividas pelo/pela pesquisador/a quanto pelos/pelas participantes da pesquisa, a investigação narrativa possibilita

[...] que os sujeitos envolvidos na pesquisa, como também para os/as pesquisadores/as, compartilhem histórias num processo de (re)construção e (re)organização das experiências vividas que compõem a trama das relações – que envolvem os sujeitos e os constituem – inventando e fabricando histórias narradas (Ribeiro; Ávila, 2013, p. 77).

Compreende-se assim que não são apenas as experiências dos sujeitos da pesquisa que atravessam este estudo. Nossas vivências enquanto professoras e pesquisadoras também fomentam o exercício de pensamento a que esta escrita se propõe. Por esse motivo, buscamos pautar os encontros filosóficos empreendidos nesta investigação em conversas, numa troca de perguntas e percepções entre todos/as os/as envolvidos/as. A conversa, por sua vez, constitui um potente instrumento de sondagem da experiência, como apontam Clandinin e Connelly:

Conversas implicam ouvir. A resposta do ouvinte pode constituir uma sondagem da experiência que tem a representação da experiência muito além do que é possível em uma entrevista. Na verdade, há uma sondagem em uma conversa. Uma sondagem profunda, mas é feita em uma situação de confiança mútua, de escuta, e de solidariedade com a experiência descrita pelo outro (1995, p. 152-153).

Uma vez que nos valem da problematização e da investigação narrativa como estratégia teórico-metodológica, nas intervenções filosóficas, tentamos não direcionar as respostas das crianças, buscamos realizar trocas coletivas, isto é o que entendemos como movimento do pensamento. Os dados deste estudo foram produzidos a partir da gravação de áudio e imagens capturados nos encontros filosóficos. Esses áudios foram transcritos e, após análise, comporam a escrita deste artigo. Desenhos produzidos pelos sujeitos da pesquisa também integram o material analisado. Além disso, buscando proteger a identidade dos sujeitos da pesquisa, decidimos nomeá-las de *Criança 1*, *Crianças 2* e assim, sucessivamente. Nosso desejo foi ouvir as falas das crianças, buscando proporcionar espaços para suas vozes e entender de que forma as provocações que foram realizadas puderam contribuir para a formulação de outras formas pensar. A seguir passamos a problematizar o material, discutindo sobre as narrativas infantis no exercício filosófico de pensar o pensamento no espaço escolar.

FILOSOFIA COM CRIANÇAS: PENSANDO A ESCOLA

A filosofia que movimenta este estudo é a que instiga o nosso pensar; é aquela que causa desconforto, aquela que se arrisca a problematizar verdades que estão enraizadas na sociedade, haja vista que, com ela somos provocados/as a sair da zona de conforto. Foi com a filosofia da diferença, a partir especialmente das contribuições de Foucault e de outros estudiosos que se aliam a essa perspectiva teórica para pensar a educação, que muitas das nossas lentes cotidianas para olhar o mundo foram se tornando embaçadas e já bastante gastas. Verdades essas que constituem nosso olhar para a instituição escolar, que definem a sua estrutura, sua finalidade e constituem as regras que devem ser seguidas e como aqueles/aquelas que passam por ela devem agir dentro e fora dos seus muros.

Compreendemos que a filosofia é um instrumento que pode nos mobilizar a pensar o modo como nos constituímos enquanto sujeitos, de refletir quanto aquilo que nos cerca, de possibilitar formas outras de ser e estar neste mundo. Segundo Foucault “[...] existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente daquilo que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir” (1998, p. 13). Na perspectiva foucaultiana a respeito da importância de se pensar diferente do que se pensa e de ver as coisas que nos cercam de outra forma, entendemos que a filosofia com crianças no espaço escolar é uma grande aposta.

De acordo com Olarieta (2013, p. 80) “na prática de filosofia com crianças costuma-se assinalar a importância de criar um grupo que ofereça segurança aos que integram para garantir um espaço no qual seja possível falar, discutir ideias, errar, concordar, discordar”. Dessa forma, o encontro entre a filosofia e as crianças que este estudo pretende engendrar escapa do propósito disciplinador a que se convencionou destinar o tempo escolar. Trata-se de usufruir do tempo não para adestrar corpos, senão para favorecer a experimentação do pensamento.

Kohan (2015), entende que não existe um manual de como fazer filosofia que deva ser apresentado e ensinado para as crianças. O autor defende a criação de espaços que permitam o exercício do pensamento, locais e tempos em que as crianças possam pensar, refletir, questionar, estranhar, criar, etc.

Participaram dos encontros filosóficos aqui relatados 10 crianças, sendo 4 meninas e 6 meninos. No primeiro encontro, ao chegar na sala a professora pediu um tempo para realização da rotina diária: organizar a sala, os materiais na mesa, apanhar o caderno. Em seguida, a professora escreveu no quadro a data e um resumo do que seria realizado naquele dia. Após as crianças terem copiado o que estava escrito no quadro, elas realizaram o sorteio do ajudante do dia. Esse ajudante é quem determinará como será realizada a chamada. Tal aluno escolhe a

temática, por exemplo, brincadeira preferida, a professora pergunta um a um qual a sua brincadeira preferida e esse se torna um momento de bastante conversa entre eles. Assim, logo após a conclusão dessa rotina, foi possível dar início ao nosso encontro.

Quando a professora da turma apresentou a pesquisadora⁷, de modo breve, disse para as crianças: “ela vai falar com vocês sobre filosofia, que é conteúdo que vocês vão ter daqui há alguns anos” (Professora). Esta maneira de se referir à filosofia nos parece estar fortemente entrelaçada com uma concepção de que ela é mais um dos componentes curriculares e não é algo que está previsto no cotidiano escolar e de vida das crianças desta idade.

Após se apresentar, a pesquisadora disparou a seguinte pergunta para as crianças: “Vocês já ouviram falar em filosofia?”. Percebendo que as crianças se entreolhavam, a pesquisadora seguiu instigando-as com mais um questionamento: “O que vocês imaginam que seja?”. “É estudar?”, respondeu em tom interrogativo a Criança 1. Encorajadas pela primeira, outras crianças responderam ou interrogaram: “Nunca ouvi falar” (Criança 4), “Filosofia...não sei não” (Criança 7), “É matéria?” (Criança 3).

Após essas primeiras expressões do pensamento infantil, a pesquisadora relatou que a “filosofia é um exercício do pensamento [...] quando nós dizemos que estamos fazendo filosofia, significa que é uma forma de pensar sobre o mundo e as coisas a nossa volta. E ela pode acontecer de diferentes maneiras, a principal delas é o questionamento, é quando fazemos o exercício de criar perguntas” (pesquisadora).

Na sequência, a pesquisadora perguntou “o que é fazer exercício?”. Nesse momento, muitas falas se misturaram, risadas, algumas crianças se levantaram para mostrar o que é um exercício (correr, pular, etc). A pesquisadora então disse para elas “podemos dizer que a filosofia é quando a gente movimenta nosso pensamento, quando a gente o exercita”.

Nessa correnteza, a pesquisadora perguntou para as crianças “vocês gostariam de ouvir a história de uma fadinha que gosta de movimentar o pensamento e ter outras ideias?”. De maneira unânime todas elas responderam que gostariam. E assim, sentando-se no chão com as crianças, a pesquisadora leu em voz alta uma adaptação da história *A fada que tinha ideias* (Almeida, 2007)

Essa narrativa literária conta a história de uma fadinha que está cansada de ter que seguir as lições do livro das fadas, pois todas elas só fazem o que está escrito nele, ninguém faz outra coisa. Então, para o espanto das outras fadas, a fadinha protagonista gosta de ter muitas

⁷ Os encontros filosóficos foram conduzidos pela pesquisadora nomeada como primeira autora deste artigo.

ideias e pensar diferente das demais. Devido a isso, ela causa estranheza e chama atenção da fada rainha. A fadinha consegue instigar as outras colegas e a rainha resolve colocar em movimento as suas ideias, a tentar experimentar as coisas de outras formas.

Finalizada a leitura, a pesquisadora lançou mais questionamentos que pudessem disparar o pensamento das crianças: “o que vocês pensam sobre a fadinha e as suas ideias?”, “que ideias vocês acharam mais legais?”. A Criança 1 respondeu: “o bule em passarinho, é muito legal, é tipo imaginar essa cadeira com mãos”; a Criança 6 respondeu “seria legal se chovesse colorido ou se chovesse doce”. As crianças aproveitaram esse tempo para imaginar o inimaginável e percebemos ali a explosão de pensamentos e inventividades infantis.

Aproveitando a vinda do imaginário infantil, a pesquisadora convidou as crianças a registarem, por meio de desenhos, aquelas ideias que aflorava do pensamento das crianças. Propôs que cada participante pensasse sobre as coisas à sua volta e que se desafiasse a imaginá-las de outras maneiras: de qual maneira poderia ser? Aceitando o convite da pesquisadora, as crianças logo começaram a desenhar e a nomear as imagens que delineavam. Importante salientar que, enquanto desenhavam, as crianças eram abordadas individualmente pela pesquisadora que, por meio da conversação, tentava acercar-se das experiências ali vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa.

Considerando a limitação de espaço para maiores análises, dos 10 desenhos produzidos pelas crianças participantes dessa intervenção filosófica, selecionamos dois, que anunciam a multiplicidade de ideias que a fadinha despertou nelas.

Figura 1. DESENHO NOMEADO COMO “CHUVA DE CUPCAKE, UM CROCODILO QUE COSPE FOGO E AS FADAS”



Fonte: Criança 6

Figura 2. DESENHO NOMEADO COMO “UM CARANGUEJO QUE TEM SUPER FORÇA, UMA BANANA DO MAL E SUPER BOLAS EXPLOSIVAS”



Fonte: Criança 1

A Figura 1 refere-se a narrativa imagética produzida pela Criança 6 que, provocada pela leitura literária empreendida pela pesquisadora, especialmente pelo trecho em que a fadinha cria uma “chuva colorida”, desenhou uma “chuva de *cupcakes*”. Quando a pesquisadora, questionou “por que *cupcakes*?”, a criança respondeu “seria muito legal se a gente pudesse comer doce toda hora ou que sempre que chovesse fosse algo bom”. Outro vestígio da potência de escape ao estabelecido que abriga o imaginário infantil refere-se ao “crocodilo que cuspe fogo” também representado pela Criança 6 em seu desenho. Observando a Figura 2, vê-se que a Criança 1 desenhou muitos objetos com formas distintas das usuais, misturando-os de diversas maneiras. Quando instigada a falar sobre o que estava desenhando, a Criança 1 respondeu “muitas coisas, tudo diferente, é muito legal imaginar elas assim”.

Ao explicar para a professora sobre a proposta de atividades para esse encontro, ela relatou que não insere a leitura de livros em seu planejamento, pois essa se tornou uma atividade da professora que atua na turma nos dias de sua hora-atividade⁸. De acordo com a docente, ela tem como uma orientação da coordenação escolar realizar um plano de aula que seja pautado em atividades sistematizadas, atividades de fixação para garantir o processo de alfabetização. Com esse relato, podemos evidenciar o quanto a concepção de escola está relacionada ao desenvolvimento de atividades pragmáticas, em “vencer o conteúdo”. Isso nos faz acreditar ainda mais na necessidade de abrir esses espaços de respiros, essas possibilidades outras para inventividades e criação de pensamento infantil.

Ao avaliarmos a escola como instituição que produz corpos dóceis e normatizados (Foucault, 2014), a reflexão concernente a ações filosóficas não se mostra uma tarefa simples,

⁸ Período da carga horária remunerada destinada ao planejamento das aulas, à estudos, à preparação de materiais didáticos e à correção de avaliações. Em geral, este período é cumprido pelo professor fora da instituição escolar, requerendo, em alguns casos, a substituição por outro docente.

uma vez que participar do sistema e criar rupturas se torna um intenso desafio. Entretanto, esse é um desafio que nos interessa: olhar para a escola e pensar modos outros de existir e conviver naquele espaço.

A filosofia com crianças se desenvolve mediante o questionamento, a dúvida, a inquietação, tocando em verdades e formas de vida já estabelecidas e pouco problematizadas por nós. Com isso, compreende-se “o trabalho de filosofia com crianças, operado não como uma disciplina escolar, mas como certa relação com o pensamento e com a vida, pode ter uma potência de carregar forças de exercícios de pensamento, para além dos clichês que entopem os currículos escolares” (Lermen; Schuler, 2018, p. 291). Portanto, entendendo o papel da escola na formação dos sujeitos, a filosofia pode estar presente nas salas de aulas através dos fazeres pedagógicos, das ações do cotidiano e não apenas como uma disciplina. Assim, o professor, que assume o desafio de tomar a filosofia como elemento do seu cotidiano escolar, instiga a existência de espaços de respiro, de experiências que farão a “bagunça” no pensamento. Este é um dos objetivos da filosofia: é virar, colocar de cabeça para baixo, torcer e “bagunçar” as nossas verdades.

No segundo encontro, adotamos como proposta pensar/problematizar a escola enquanto uma instituição que atua quase que exclusivamente no disciplinamento dos corpos (Foucault, 2014). Assim, partimos do seguinte movimento: “Quero convidar vocês a fazer como a fadinha, fazer perguntas sobre as coisas a nossa volta, imaginar e ter outras ideias, por isso, o convite para hoje é: vamos conversar um pouco sobre a escola? Para isso, eu trouxe um livro sobre um monstrinho que não sabe o que é a escola e ele ficava se perguntando o que tem nesse lugar” (pesquisadora).

Assim como na primeira intervenção, a pesquisadora procedeu com a leitura em voz alta da obra literária *O monstro das cores vai à escola* (Llenas, 2021). Nesta obra, é contada a história de um monstrinho que precisa ir para o seu primeiro dia de aula e ele tem medo, pois não sabe o que vai encontrar nesse lugar. Ele imagina que pode haver perigos, animais ferozes e que por isso ele precisa estar preparado para as situações mais inusitadas. Porém, com a ajuda de sua amiga, ele vai descobrindo o que é esse lugar chamado escola, o que é feito nesse lugar e consequentemente as técnicas disciplinares que ali são postas em funcionamento. Assim, na história, com o passar do dia, ele vai se aventurando e experimentando o novo lugar. Após a leitura, segue-se a seguinte conversação entre a pesquisadora e as crianças:

Pesquisadora: Como o Monstro se sentiu no primeiro dia de aula?

Criança 1: Ele estava com medo e levou um monte de coisa estranha.

Criança 4: É ele achou que ia ter um zombie. (risadas)
 Criança 3: Ele até fugiu da sala de aula.
 Pesquisadora: A escola dele é parecida com a de vocês?"
 Criança 4: Não, na dele tem onde dormir.
 Pesquisadora: E não podemos dormir na escola?
 Criança 4: Não (risadas), na escola a gente estuda.
 Criança 3: A minha irmã dorme na escola dela, mas ela é bebê.
 Pesquisadora: E qual a diferença da escola dela para a de vocês?
 Criança 3: Aqui a gente aprende.
 Pesquisadora: E o que mais fazemos na escola?
 Criança 2: A gente brinca no recreio.
 Criança 5: Aprendemos as coisas, a professora nos ensina.
 Criança 3: A gente brinca com os nossos amigos no recreio.
 Criança 1: A professora as vezes traz umas brincadeiras para a gente e a professora X conta histórias e deixa a gente brincar no dia dela. Ela também olha o caderno, mas a gente faz várias coisas.
 Criança 4: Na escola a gente fica inteligente, a gente aprende as coisas para um dia a gente saber tudinho.
 Pesquisadora: E as crianças que não vão à escola? O que acontece com elas?
 Criança 1: Toda criança vai à escola... tem criança que não vai?
 Criança 4: Minha mãe já disse que tem, mas eu não conheço. Eu acho que ela não aprende as coisas que a professora ensina para a gente.
 Pesquisadora: Mas tem coisas que a gente não aprende só na escola, coisas que vocês aprenderam em casa...
 Criança 2: A gente tem que aprender a fazer conta, a escrever as palavras, minha mãe disse que tenho que aprender.

O diálogo em destaque dá visibilidade a um modo hegemônico de pensar e de viver o espaço escolar; modo esse que se cristaliza em nós desde a infância. No que tange à função da escola, por exemplo, a fala de algumas das crianças participantes deste estudo aponta essa instituição como lugar onde se ensinam conteúdos, onde o que importa é a aprendizagem dos conhecimentos matemáticos e a alfabetização. Reconhecemos a função educacional da escola, no entanto, apostamos que o espaço escolar pode também ser tornado como território onde se favoreça a produção de pensamento a partir do estranhamento daquilo que nos é dado como natural, indubitável, inquestionável.

“O pensamento está além e aquém dos sistemas [...]” (Foucault, 2010, p. 356), assim não podemos fugir do pensamento que nos atravessa, que nos força ao exercício de enxergar o mundo; ele se imiscui até mesmo nas instituições disciplinares. Nesse sentido, o filósofo convida a fazer a crítica aquilo que não se questiona, nas palavras dele “[...] fazer a crítica é tornar difíceis os gestos fáceis demais” (Foucault, 2010, p. 356).

Como mostra Kohan (1999), há muito tempo se tem questionado o que é filosofia e muitas respostas são encontradas, mas nenhuma definitiva. É isso que a filosofia faz, é esse seu objetivo “[...] ela gosta mais das perguntas que das respostas” (Kohan, 1999, p. 59).

Assim, talvez seja possível encontrar algumas fissuras nas verdades presentes no âmbito educacional. Pensar com uma filosofia que nos ensina a suspeitar e a resistir às verdades

instituídas, em uma instituição que tem finalidades bastante definidas, torna-se uma tarefa bem difícil. Não é impossível, mas é preciso ter persistência para enxergar as possíveis brechas dentro dela. Será preciso abrir espaço para o que merece ser problematizado.

A escola é uma instituição que, através das suas ações disciplinares, busca formar determinados modos de ser, busca estratégias para consolidação de corpos disciplinados, corpos que seguem as regras, corpos dóceis e corpos úteis (Foucault, 2014). Dentro da escola, encontramos muitas estratégias para dirigir as condutas dos alunos e assim não escaparem da normalização que incide sobre os corpos. É no desejo de encontrar rupturas nessa sólida e cinzenta instituição que apostamos na filosofia com crianças. Uma possibilidade de respiro, talvez; uma forma de causar fissuras no solo escolar, quem sabe...

Entendemos ser necessário instigar a inquietação, com a finalidade de realizar perguntas e possibilitar que os encontros com as experiências deixem o pensamento incomodado, que coloque um ponto de interrogação na mente das crianças e nas nossas também. O questionamento pode servir como uma forma de refletir sobre aquilo que, muitas vezes, não se é permitido pensar. Assim, apostamos na potência da filosofia, no exercício de problematizar junto com as crianças algumas verdades que estão dentro da escola e do seu mundo cotidiano. Compreendemos que ao problematizar não estamos indo atrás de uma resposta, mas sim fazendo com que se coloque em xeque algumas verdades, alguns discursos e algumas normas vigentes. Este é, portanto, o exercício de problematização, a partir de Foucault.

Fazer o exercício de problematizar é fazer a crítica às verdades que nos subjetivam, é colocar em suspenso aquilo que muitas vezes é difícil estranhar. Para fazer esse exercício, Henning (2021) mostra que o silêncio também é um movimento fundamental para o exercício filosófico. De acordo com a autora, o silêncio e a solidão doem, mas essa dor pode nos tornar forte, essa dor pode produzir fissuras que poderão nos levar a outros modos de compreender e de ser neste mundo. Nesse sentido, problematizar e usar o silêncio como estratégia para pensar nossas vidas, pode nos levar a modos outros de entender e possivelmente agir sobre questões que nos atravessam:

Se pudéssemos aprender com a filosofia a colocar problemas e, no silêncio, pensar sobre eles, talvez, pudéssemos dar um passo adiante na convalescença. Porém, vejamos, se assim o for, estaremos muito longe da possibilidade de resolvê-los, no sentido de extirpar o problema de nossas vidas. Estaremos, sim, lado a lado com a problematização da vida, do nosso cotidiano, do nosso modo de existir e conviver com as coisas que nos cercam, com os elementos mundanos que nos chegam e que fizemos chegar (Henning, 2021, p. 315).

Com a autora, entendemos que fazer filosofia é um processo de se desconstruir e, a partir disso, compreender como nossa subjetividade é constituída através de múltiplas ações, verdades e discursos. Este é um primeiro movimento para que seja possível pensar outras formas de ver nossa relação com o mundo e nossas ações no cotidiano da vida. Nesse sentido, a filosofia com crianças pode ser um elemento importante no espaço escolar. Para que possamos fazer fissuras nas verdades hegemônicas, é preciso desacomodar, causar inquietação e, portanto, é necessário desenvolver práticas pedagógicas que permitam com que as crianças possam pensar sobre o mundo e suas relações junto à família, à escola, aos amigos e sobre elas mesmas. Afinal como nos ensina Foucault:

É filosofia o movimento pelo qual, não sem esforços, hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras de jogo. É filosofia o deslocamento e a transformação dos parâmetros de pensamento, a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se diferente do que se é [...] (2005, p. 305).

O filósofo também nos convida a fazer uma estética da existência, a fazer da vida uma obra de arte (Foucault,1995) e a filosofia é uma ferramenta que pode nos levar a esse exercício cotidiano. É esse movimento que a pesquisa, de modo mais amplo, buscou provocar nos encontros com as crianças. Nossa intenção foi de fazer filosofia a partir da problematização acerca de verdades solidificadas e que se estranha questionar. Nos encontros filosóficos o que desejamos foi instigar pensamentos, abrindo passagem, quiçá, a invenção de outros possíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi de buscar entender em que medida é possível criar espaços de fissuras, espaços de problematização na sala de aula com crianças do 2º ano do ensino fundamental. Para isso, lançamos mão da problematização a partir de Foucault (2006b) e da investigação Narrativa a Clandinin e Connelly (1995). Igualmente adensaram as discussões engendradas neste estudo, os escritos de outros pesquisadores do campo educacional.

Entendemos que criar espaço de fala e de escuta atenta do que é dito pelas crianças é uma estratégia extremamente importante para o movimento do pensamento e para a filosofia existir. Entendemos que os encontros filosóficos empreendidos por este estudo, mesmo que efêmeros e provisórios, puderam se constituir como linhas de fuga aos modos como as crianças e nós vivenciamos o espaço escolar. Com o movimento do pensamento é possível estranhar o que não se estranha, é possível pensar o que não se pensa, mas para isso acontecer dentro da escola, é necessário engendrar espaços escolares de escuta, de conversa e de troca entre todos os sujeitos envolvidos.

Buscou-se, nesses encontros potencializar as criações e invenções infantis. O imaginário infantil que aflorou nas narrativas imagéticas produzidas pelas crianças dá pistas da potência que carrega o pensamento infantil de pensar o impensável. Quiçá também se possa instigá-las a inventarem um espaço escolar onde não apenas se adentra e se dociliza corpos, mas onde também se experimenta a dúvida, o estranhamento, a inquietação. Essa tem sido a aposta das pesquisas nas quais vimos nos enfronhando. Esperamos que a escrita deste artigo encontre outros/as pesquisadores/as e professores/as que estejam dispostos a inventarem espaços outros na escola instituída.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernanda. Lopes de. **A fada que tinha ideias**. 28 ed. São Paulo: Àtica, 2007.
- CLANDININ, Dorothy Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CLANDININ, Dorothy. Jean.; CONNELLY, F. Michael. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge. et al. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes, 1995. p.11-59.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: Estratégias de poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, política e sexualidade**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos VI: Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

HENNING; Paula Corrêa. Educação ambiental: o silêncio como potência criadora. *In*: HENNING, Paula Corrêa.; SILVA, Gisele Ruiz. (orgs.). **Educação e filosofia**: fissuras no pensamento com Nietzsche, Foucault, Deleuze e outros malditos. E-book. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2021, p. 305-323. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/9654?show=full>. Acesso em: 24 jul. 2024.

KOHAN, Walter Omar. Visões de filosofia: infância. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 216-226, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1517-106X/172-216>. Acesso em: 10 jul. 2024.

KOHAN, Walter Omar; KENNEDY, David. **Filosofia e infância**: possibilidades de um encontro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. *In*: Silva, Tomaz. Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/04/TecnologiasdoEuEducacaoLarrossa.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024

LERMEN, Sabrina.; SCHULER, Betina. **Filosofia com crianças na escola**: práticas de leitura, escrita e exercício do pensamento na problematização do tempo. *Holos*, Natal, v. 2, p. 289-306, 2018. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/6090>. Acesso em: 20 jul. 2024.

LLENAS, Anna. **O monstro das cores vai à escola**. Belo Horizonte: Aletria, 2021.

OLARIETA, Beatriz. Fabiana. Das coisas maravilhosas: o cuidado do tempo na prática de filosofar na escola. *In*: KOHAN, Walter. Omar; OLARIETA, Beatriz. Fabiana. (org). **A escola pública aposta no pensamento**. 1. ed. Rosario: Homo Sapiens, 2013, v. 1, p. 79-96.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RABELO, Amanda . Oliveira. A importância da investigação narrativa na educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-188, jan-mar 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/fSZvft63V58mv3ZVGx3wVzr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2024

RIBEIRO, Paula Regina Costa Ribeiro. R. C.; ÁVILA, Dárcia Amaro. A. Sujeitos, histórias, experiências, trajetórias...a narrativa como metodologia na pesquisa educacional. *In*: SILVA, Gisele . Ruiz.; HENNING, Paula. Corrêa. (org.). **Cadernos Pedagógicos, Pesquisas em Educação**: experimentando outros modos investigativos - Rio Grande. Editora da FURG, 2013. Disponível em: <https://sead.furg.br/images/Volume18.pdf> Acesso em: 10 jul. 2024.

VINCI, Christian. Fernando. Ribeiro. Guimarães. A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano. **Revista Filosofia e Educação**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 195 – 219 Jul-set 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rfe.v7i2.8637554>. Acesso em: 2 ago. 2024.

